

MANÉ VÍRGULA

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO.
Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

“Se a reta é o caminho mais curto entre dois pontos, a curva é o que faz o concreto buscar o infinito”, Niemeyer escreveu essa frase no guardanapo manchado de whisky, no Bar Amarelinho. Ele pediu uma caneta emprestada ao garçom, embriagado sonhou bossa-nova e desenhou uma parábola. Assim nascia Brasília, gerada na palavra delirante da utópica Nova Atlântida, de Bacon. O avião feito a lápis e sonho decolou da prancheta e aterrissou no Planalto Central. Fez-se poeira e homens nasceram do barro. Nasceu no signo da palavra e depois tornou-se ser. Os signos comem sua concretude, surge a alegoria. Brasília é uma cidade diferente, recusa aceitar a beleza da esquina. Em Goiânia, o bar mais próximo é o da esquina. Lá a cidade entardece. A padaria, que possui o pão mais quentinho, amanhece na esquina. Gosto dessas quinas, daqui vejo o futuro passar com a pausa necessária para ver a tarde, a cidade pisa no freio da seta para a esquerda, acelera e some. Sinto perdido de nome com a ausência das esquinas de Brasília. A capital é tipo de museu do futuro que aponta para o infinito do horizonte. Mas em Brasília mora um tal de Mané Vírgula. Essa irmandade de bares é a esquina etílica do sóbrio Estádio Mané Garrincha. No Mané Vírgula, bebo pela beleza semântica da língua portuguesa. Encho a cara pela criatividade do nome, há uma evocação fonética que lembra Virgulino, o cangaceiro. Embriagado, me perguntei: quantos monumentos cabem na vírgula do Mané? Esse sinal gráfico seria o signo ortográfico das pernas do Garrincha? Não, a vírgula do Mané é a poética resposta ao projeto arquitetônico da cidade cheia de vazios. É a pausa do dribble. Isola os vocativos, desconcerta os zagueiros e inventa caminhos pelo campo das lutas humanas. Só Brasília mesmo para inventar um Garrincha de pernas tão retas. E olha que o Cerrado, bioma que hospeda a capital, é cheio de pernas tortas. O Mané Vírgula não é somente um nome, é, sobretudo, uma interjeição. Interpela a arquitetura e nega o batismo do estádio. Mané, vírgula. Mané, uma ova. Eu então entendi o que o bar me dizia: “Garrincha não está aí. Ele se recusaria viver a opulência ereta dos monumentos”. O estádio arquitetonicamente ortopédico é a recusa às tortuosidades da natureza. Também duvido muito que a alma do jogador habite um bar tão aburguesado. Rio de Janeiro foi o útero sociocultural do Mané. Antiga capital é o enclave humano no domínio libidinoso da natureza. Árvores brotam nas pedras, enraízam nas fissuras metamórficas. As curvas cariocas são feitas pelo assanho sensual da natureza. Garota de Ipanema, de Tom e Vinicius, é uma reposta à Brasília. Rio fez-se moça dourada de sol, disse ao mundo em prosa e verso que as suas quinas e curvas eram belas por causa do amor. Na sua atmosfera carioca, há uma leve boemia melancólica: me sinto tão sozinho. É uma cidade de samba e ressaca; de riso e Flamengo. Ali em Botafogo vive a alma do Mané. Ela acorda depois do meio-dia. Ao entardecer passeia nos acordes do cavaquinho, na Glória. Do inexequível nasce o possível. Dribla um, dribla dois. Solta a bola e corre pelos becos. Garrincha com seu 7, número que vira a esquina, toca o samba e pede a cachaça. A arte vive nos dribles e nos repiques das almas vivas e mortas. O Estádio Mané Garrincha é monumentalmente gigante, é alegoricamente túmulo. O bar me avisou usando a vírgula: Ele não está aí.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.